

A OBRA POÉTICA DO «DOM DUARTE»

DOMINGOS FIALHO BARRETO

(1920-2004)



Domingos Fialho Barreto e Isabel Martins Santana Barreto,
os dois autores desta obra poética

Quando foi escrita

A obra poética de Domingos Fialho Barreto («Dom Duarte») começou a ser escrita na sua juventude e prolongou-se até aos 64 anos. No início rasgava quase tudo o que escrevia, só começando a guardar a partir dos meados dos anos 60. Assim, a elaboração dos seus 10 livros foi nesta

ordem:

De 1968 a 1973

Luz Doutra Estrela
Linhas em Branco
Motes dos Montes

De 1974 a 1980

Nos Rescaldos do «Vinte Cinco de Abril»
Tempestade Interior
Mil e Um Pensamentos para o Povo
Versejando no Estilo Popular
Temas de Ocasião
Aquém-Tejo

Em 1984

Miscelânea

O que divulgou na clandestinidade

Por motivos óbvios, durante o fascismo nada publicou legalmente. Contudo, ia mostrando e lendo os seus poemas aos amigos mais próximos, que fizeram circular algumas cópias manuscritas ou dactilografadas em círculos restritos. Ainda me lembro da leitura que me fez do poema «Ó Capitalismo!», tinha eu uns 15 anos e que foi o primeiro poema que lhe conheci:

Ó CAPITALISMO !

Caminhas de olhos vendados semeando escuridão
Marabunta e vampiro tu temes a Alvorada
És fardo dos submissos tropeço de evolução
Tuas vendas não impedem o clarear da Madrugada

Fizeste juízes leis espingardas encarcerados
Deuses e prostitutas não tens pátria nem fronteira
Compraste esbirros gendarmes generais até soldados
Tudo à custa da fome sempre de igual maneira

Pede perdão moribundo teu poder ultrapassado
Agoniza aos pés da Luz só deixaste sofrimento
Alvorada são meninos que crescem a teu lado
Vivendo fraternidade sofrem sem um lamento

Madrugada essa estrela nascida no Oriente
Foi de Cristo hoje vermelha chamaram-na Igualdade
Cintila inconfundível tu apenas sol poente
Num ocaso ofuscado pelo brilho da Verdade

Em Junho de 1973, quando me foi visitar em Paris, onde eu estava exilado, levou uma colecção de uns vinte poemas com que concorreu (sob o pseudónimo de «Zé Mau») aos I Jogos Florais Portugueses na Emigração, organizados pelo Movimento dos Trabalhadores Portugueses Emigrados (MTPE) e pelo jornal *O Salto* *. Desses poemas, alguns leu no Pavilhão da Cartoucherie de Vincennes, onde decorreram os Jogos, sendo aplaudido de forma entusiástica pela assistência. Como se pode ler no nº 19 do jornal *O Salto*, de Julho de 1973, o seu poema «Ô Espingarda!» foi premiado com uma menção honrosa:

Ó ESPINGARDA !

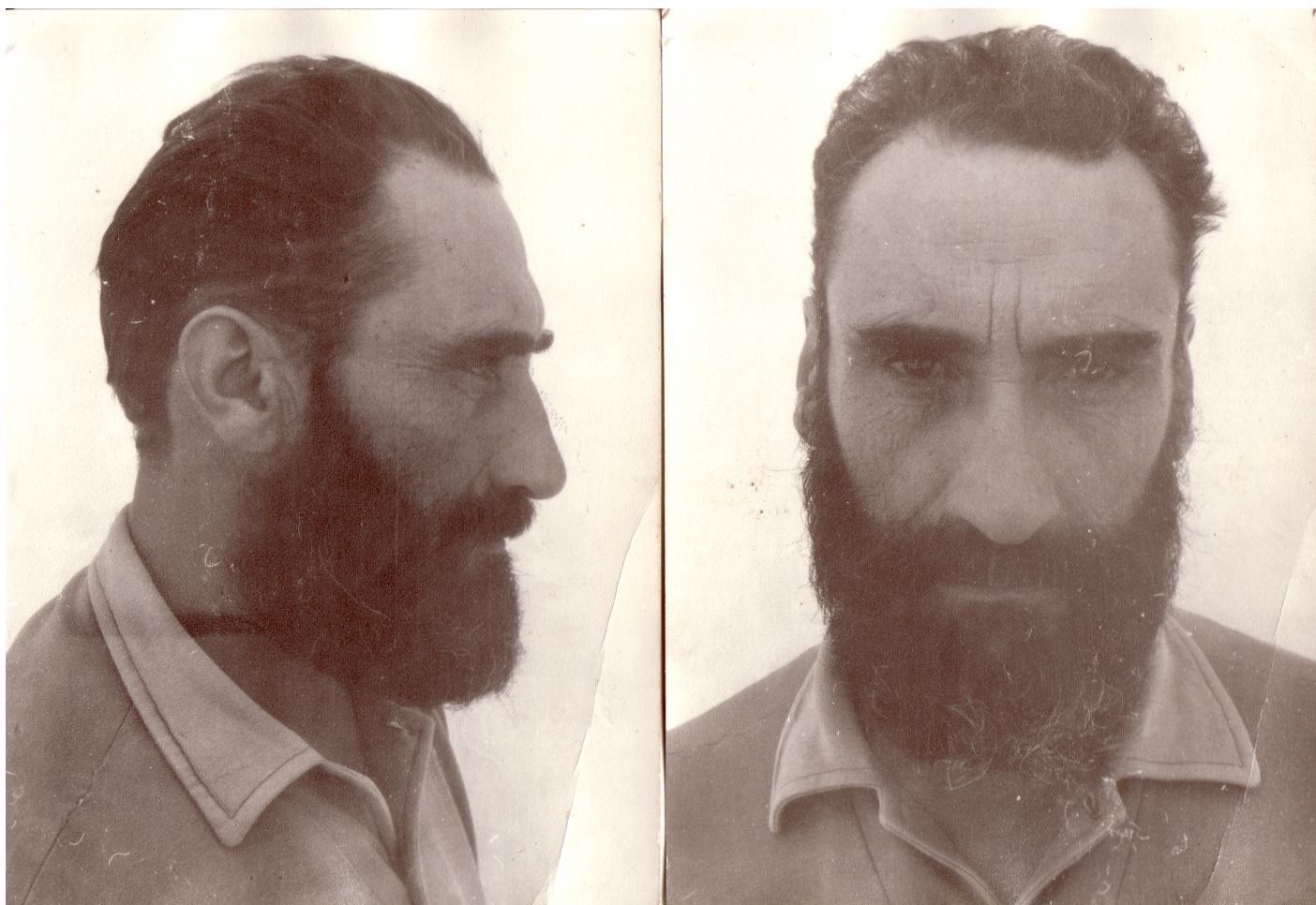
Olha na mão de quem vais obedeces cegamente
Tu és de aço macio ferro não sabe o que faz
Encrava-te já de repente e segreda ao rapaz
Que como tu ignora o alvo que tem na frente

Teu inimigo dá ordens é quem ficou lá atrás
Seja ele quem for sempre teu comandante
Um mercenário pago que te leva por diante
E fuzila quem se negue pois de tudo é capaz

Se assim lhe falares decerto vai entender
Também verá ser alvo e a pátria só interesse
Senhores fazem-se guerra vocês vão combater

Vós podereis liquidar vosso inimigo comum
O outro tudo mentira igualmente obedece
O Trabalho não guerreia e o Povo é só um

Transcrevi estes dois poemas, que figuram no livro *Luz Doutra Estrela*.
por considerá-los como uma bela introdução à sua obra ímpar e, em
muitos aspectos, genial.



O Autor quando o conheci, em 1955, pouco depois de regressar do Brasil.

As edições dos livros

À excepção da edição de *Motes dos Montes*, feita pelo Autor e por mim em 1977, todas as restantes foram feitas pelas Edições Rocio, ou seja, por mim e pela minha companheira Helena, que ademais foi o «fotógrafo indiscreto» que surpreendeu o sorriso do Autor no Monte das Choças, num momento único registado para a posteridade e publicado na contracapa da selecção *Musa Indiscreta*.

Foram as seguintes as edições dos seus livros:

Motes do Montes (300 Motes Alentejanos), Edição do Autor, Lisboa, 1977.

Musa Indiscreta (Seleccção de Poesias), Edição do Autor, Moura, 1987.

Luz Doutra Estrela (Poesias), Edição do Autor, Bruxelas, 1989.

Linhas em Branco (Poesias), Edições Rocio, Bruxelas, 1990.

Musa Indiscreta (Seleccção de Poesias), segunda edição, Edições Rocio, Bruxelas, 1991.

Aquém-Tejo (Improvisos, despiques e outros géneros populares), Edições Rocio, Bruxelas, 1991.

Nos Rescaldos do “Vinte Cinco de Abril” (Poesias), Edições Rocio, Bruxelas, 1992.

Tempestade Interior (Poesias), Edições Rocio, Bruxelas, 1993.

Mil e Um Pensamentos para o Povo (Quadras Soltas), Edições Rocio, Bruxelas, 1995.

Temas de Ocasão (Poesias), Edições Rocio, Bruxelas, 1996.

Versejando no Estilo Popular, Edições Rocio, Bruxelas, 1997.

Miscelânia, Edições Rocio, Bruxelas, 1997.

Nota explicativa sobre a alcunha «Dom Duarte»

«Dom Duarte» é a alcunha que, no círculo familiar e de alguns amigos mais próximos, sempre demos a esse grande poeta popular, poeta revolucionário e poeta espiritualista que foi Domingos Fialho Barreto, cuja obra poética foi publicada nas Edições Rocio, e que agora decido colocar

no ciberespaço.

Trata-se da alcunha abreviada (ou, mais abreviada ainda, simplesmente «O Dom») da alcunha completa «Dom Duarte, o Eloquentes». Foi-lhe posto pelo seu terceiro filho (num total de sete), também de nome Domingos, e que, por muitas alcunhas pôr, foi por sua vez alcunhado de «O Registo Civil» **.

Este que escreve estas linhas, o quarto filho, que usou na sua actividade revolucionária o pseudónimo de «Ortigão», foi pelo mesmo alcunhado de «O Califa de Bagdad», em abreviado «O Califa» ou mais abreviado ainda «Cália».

O uso de alcunhas entre nós tornou-se de tal modo corrente que tivémos uma história engraçada lá em casa, e que não resisto a contar por ser reveladora do espírito divertido do nosso patriarca.

Nós, os filhos, por respeito, nunca o tratávamos directamente por «Dom» ou por «Dom Duarte», mas sempre por «Pai». Era entre nós, os filhos, ou nas conversas com a Mãe (de suas alcunhas completas «Dona Zabelinha» ou «Mãe Galinha», abreviadas «A Dona» ou «A Gália»), que usávamos essas alcunhas.

Desprevenido, um amigo nosso de visita tratou-o sempre por Senhor Duarte pràqui, Senhor Duarte pràli, durante os vários dias que a mesma durou, enquanto nós ríamos à sucapa sempre que tal acontecia... Grande gozão, «O Dom» nunca se desmanchou...

No momento da despedida, depois dos abraços e dos apertos de mão da prache, disse-lhe: «Gostei muito de te conhecer e volta sempre que quiseses, mas só quero que saibas que eu não me chamo Duarte, mas Domingos».

Toim oim oim... grandes risadas nossas, agora já sem disfarçarmos, e grande encavacamento do nosso amigo, que ficou completamente atrapalhado e zozzo, vermelho que nem um pimentão e se desfez em desculpas, enquanto nos olhava furibundo, e lá partiu a jurar-nos pela pele...

Saudosos Dom e Dona, os vossos filhos e netos sabem quanto vos devem em eterna saudade.



O clã Santana Barreto numa rocha na Ribeira do Ardila

Ao publicar agora a sua obra cumpro uma promessa feita em conversa com a minha mãe Isabel e com a minha companheira Lena pouco depois

do falecimento do Autor. Estão agora os três juntos e eu tenho evidentemente que lhes pedir desculpa, assim como ao Leitor, pelo atraso com que o faço. Mas, como diz o nosso povo, mais vale tarde que nunca.

Romeirão, Ericeira, 1 de Novembro de 2018
Ângelo Santana Barreto

* A colecção do jornal *O Salto* pode ser consultada online no seguinte endereço:

<http://213.228.181.135/cd25a2/lista04.asp?meta21=Fundo%20Geral&meta01=Geral&meta02=Revistas%20e%20Jornais&meta03=O%20Salto>

** Ver o livro *Alcunhas Alentejanas, Estudo Etnográfico*, Monsaraz 1990, da autoria de Francisco Martins Ramos, que é dedicado entre outros ao «Registo Civil».

<https://sites.google.com/view/edicoesrocio/home>